



Ana Paula Alves Ribeiro

A beleza ordinária da vida

Filmes de Plástico¹ é a produtora que os amigos André Novais Oliveira, Gabriel Martins, Maurílio Martins e Thiago Macêdo mantêm desde abril de 2009, em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte. Nos seus dez anos de existência, a Filmes de Plástico priorizou de forma explícita a vivência, a expressividade e a paisagem de Contagem, muitas vezes dando destaque a seus moradores.

A obra individual e coletiva da Filmes de Plástico propõe, a cada filme, a desconstrução de estereótipos sobre

idades e bairros tratados como periféricos e uma descolonização do olhar sobre pessoas negras. Estamos falando de uma produtora em que personagens negras são criadas, e suas vidas cotidianas são tratadas na tela com respeito e apreço. Também é na produtora que percebemos o desenvolvimento de dois expoentes do cinema negro contemporâneo, premiados em festivais de cinema nacionais e internacionais, Gabriel Martins e André Novais Oliveira.

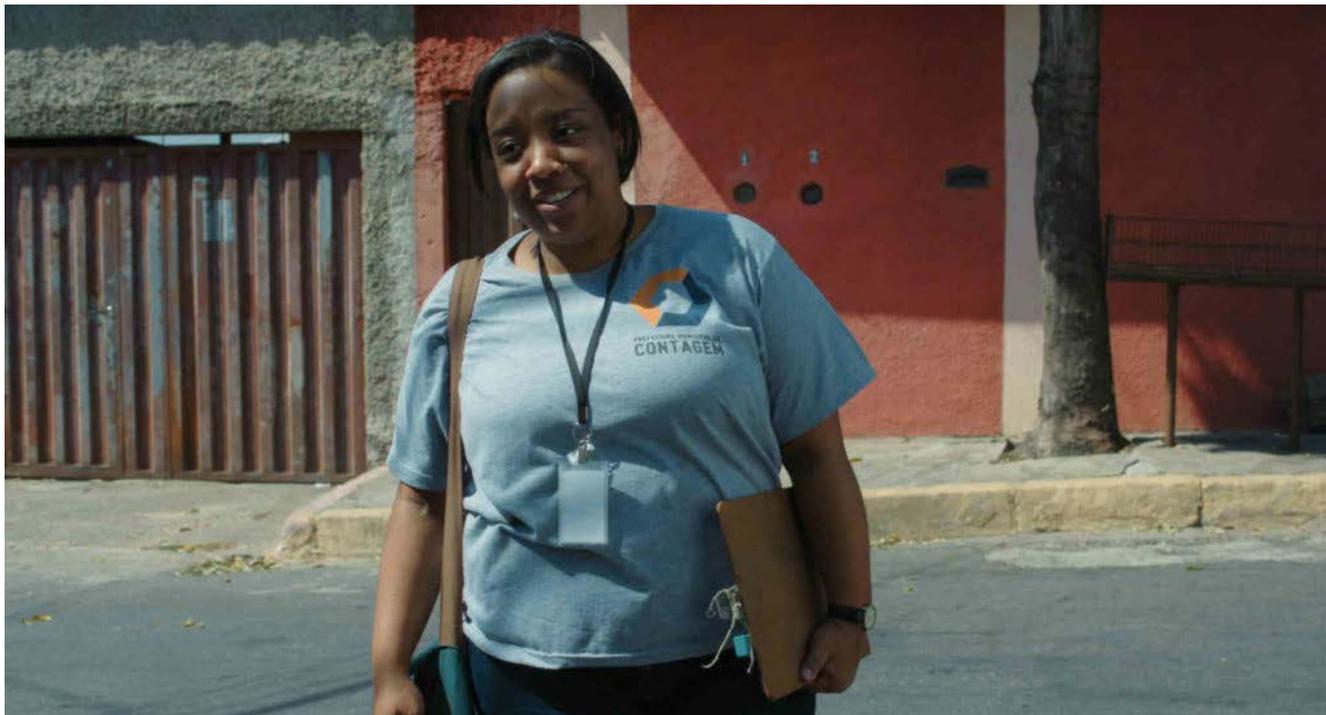
Na resenha intitulada “A beleza ordinária da vida”, proponho uma reflexão sobre *Temporada*, de 2018, o mais recente filme roteirizado e dirigido por André Novais Oliveira. Em seus anos de carreira, o diretor nos brindou com

Ana Paula Alves Ribeiro

é doutora em Saúde Coletiva (IMS/UERJ). Professora adjunta do Departamento de Formação de Professores e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

anapalvesribeiro@gmail.com

¹ Para maiores informações, acessar www.filmesdeplastico.com.br/ e <https://vimeo.com/filmesdeplastico>.



A atriz
Grace Passô,
intérprete
de Juliana

filmes premiados, como os curtas *Pouco Mais de um Mês* (2013) e *Quintal* (2015) e o longa *Ela Volta na Quinta* (2014), nos quais, entre tantas questões, propõe a centralidade da paisagem urbana e pouco conhecida de Contagem e retrata uma periferia em seu cotidiano, com respeito e sem papéis subalternos ou estereotipados.

Temporada nos convida a andar e explorar a imensidão que é Contagem e o cotidiano de Juliana em um novo emprego, em uma nova cidade. Podemos acompanhar Juliana na tentativa de uma nova existência, com estabilidade profissional, sem o risco de ser mandada embora, andando pelas ruas da cidade, de casa em casa, como recém-convocada em um concurso de agente de endemias no combate à dengue.

A atriz Grace Passô interpreta Juliana. Nascida em Itaúna (MG), a personagem é aprovada em um concurso e, ao assumir o cargo, passa a ficar entre o compasso de espera para a chegada de Carlos, seu marido, com quem está há oito anos, e a organização da sua vida. Ao longo deste tempo, vai se enturmando com o grupo de agentes comandados por Russão (interpretado por Russo APR). E, ao entrar nesta turma, passa a ser reconhecida e a reconhecer a vizinhança e a privar da intimidade dos colegas, que acabam virando amigos.

No filme alguns pontos chamam atenção. Em primeiro lugar, ao refletirmos sobre raça e representação no cinema, observamos como *Temporada* (e a filmografia de André Novais Oliveira) recusa as representações violentas e subalternas da população negra no cinema brasileiro. Ao apresentar Juliana como

funcionária pública, com acesso às casas e ao cotidiano de uma vizinhança, o filme constrói a possibilidade de representação positiva a partir dos laços de confiança com os moradores e com a própria equipe de agentes de endemia.

Em segundo lugar, *Temporada* contribui para uma reflexão sobre a dinâmica das políticas urbanas e sanitárias nas cidades. Nos planejamentos urbanos, um projeto de educação e saúde que se faz na prevenção e no combate a endemias é fundamental para proporcionar uma vida saudável e para enfrentar as epidemias que assolam diversas localidades de tempos em tempos, atingindo as populações mais vulneráveis. Este tecer na dinâmica das cidades muitas vezes fica ameaçado quando o Estado, além de diminuir verbas de prevenção e saúde, enxuga os quadros de combate à epidemia ao demitir agentes comunitários de saúde – frequentemente estes profissionais são a ponta que entra na casa das pessoas, constrói respeito, legitimidade e reforça laços de vizinhança.

Ainda sobre cidades e dinâmicas urbanas, em outra medida ficam aqui perguntas recorrentes no cinema e em *Temporada*, questionamentos que, a cada vez que aparecem, exigem nova reflexividade: como filmar as cidades e como lidar com as paisagens das cidades? O que afinal seria a paisagem da cidade? É paisagem estar no alto da laje reconhecendo os vizinhos e as transformações do bairro? É estar à beira da lagoa apontada como fétida pelas personagens, em um espaço em obras, mostrando as mudanças urbanísticas do lugar? Ou é o plano aberto, multicolorido e multidimensional que mostra as casas e as



diferentes maneiras de estar naquele lugar a partir da arquitetura?

Caminhando e se apropriando da cidade, Juliana sobe e desce uma infinidade de ruas, cruzando com moradores amáveis, indiferentes e por vezes hostis, aprendendo que o tempo do Estado e das ruas não são os mesmos. Este mesmo tempo vai tecendo na vida de Juliana relações com a cidade e laços de confiança com a prima que a ajuda a se instalar e, como já apontei, com os próprios colegas de trabalho, que nesta textura se tornam, em parte, também sua família.

Neste tempo de refazimento e recomeço, chamo atenção para o universo que é o quarto de Juliana. O dormir e acordar. As roupas de cama e de uso que saem e entram em bolsas e cestos, em uma existência provisória. E vão se assentando. Recomeçando. A casa de Juliana recomeça a cada dia. O corpo de Juliana, de muitas maneiras, recomeça ao ser perpassado pelas diversas interações e identidades possíveis que a sua nova vida lhe proporciona.

Destaco em *Temporada* o roteiro e a direção de André Novais, as interpretações do elenco, com des-

taque para Grace Passô, Russo APR e Rejane Faria, assim como a fotografia de Wilssa Esser, a arte de Diogo Hayashi e o figurino de Rimenna Procópio.

O filme de André Novais Oliveira tem em seu íntimo a possibilidade de nos contar, em uma *temporada*, a vida de pessoas ordinárias, ou o encantamento ordinário da vida de pessoas comuns, na qual a ambição é arrumar um emprego que pague melhor, um trabalho para complementar a renda, se divertir, viver, ser feliz. A película também possibilita vislumbrar a periferia tornando-se centro no cinema, seja Contagem predominando nas paisagens mineiras, seja Minas, olhada por Contagem, despontando como polo cinematográfico. ■

A atriz
Grace Passô,
intérprete
de Juliana

Referência da obra resenhada:

Temporada. Direção de André Novais Oliveira. Ficção, 113'. Brasil: Vitrine Filmes, 2018.